

ABELARDO E O

CURUPIRA

Por Enilson Amorim



Edufac



ABELARDO E O

CURUPIRA

Por Enilson Amorim

Copyright © 2017, Enilson Amorim

Texto e ilustração:
Enilson Amorim

Editora da Universidade Federal
do Acre-Edufac
Rod. BR 364, KM 04, Distrito Industrial
69.920-900. Rio Branco-Acre.

Diretor

José Ivan da Silva Ramos

Coordenadora Comercial

Ormifran Pessoa Cavalcante

Projeto Gráfico e Capa

Enilson Amorim de Lima

Preparação de Originais e Preparação de
textos

Revisão Técnica

João Batista de Sousa

Conselho Editorial

Presidente

José Ivan da Silva Ramos

Vice-Presidente

José Porfírio da Silva

Membros

José Mauro Souza Uchôa

Maria Aldecy Rodrigues da Lima

Tiago Lucena da Silva

Bruno Pereira Da Silva

Jacó César Piccoli

Adailton de Souza Galvão

Antônio Gilson Gomes Mesquita

Yuri Karaccas de Carvalho

Manoel Domingos Filho

Eustáquio José Machado

Lucas Araújo Carvalho

Fábio Morales Forero

Raimunda da Costa Araruna

Carla Bento Nelem Colturato

Simone de Souza Lima

Damián Keller

FICHA CATALOGRÁFICA

Amorim, Enilson, 1976-

Abelardo e o Curupira/Enilson Amorim. -- Rio Branco: Edufac, 2017.

29 p.: il.; 21x21cm.

ISBN 978-85-8236-048-4

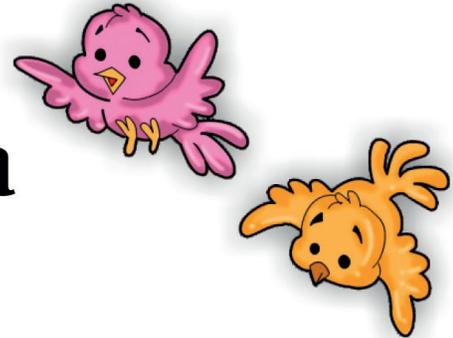
1. Literatura Infantil. I. Título.

CDD: 028.5

CDU: 087.5

Rio Branco-Acre
2017

Dedicatória

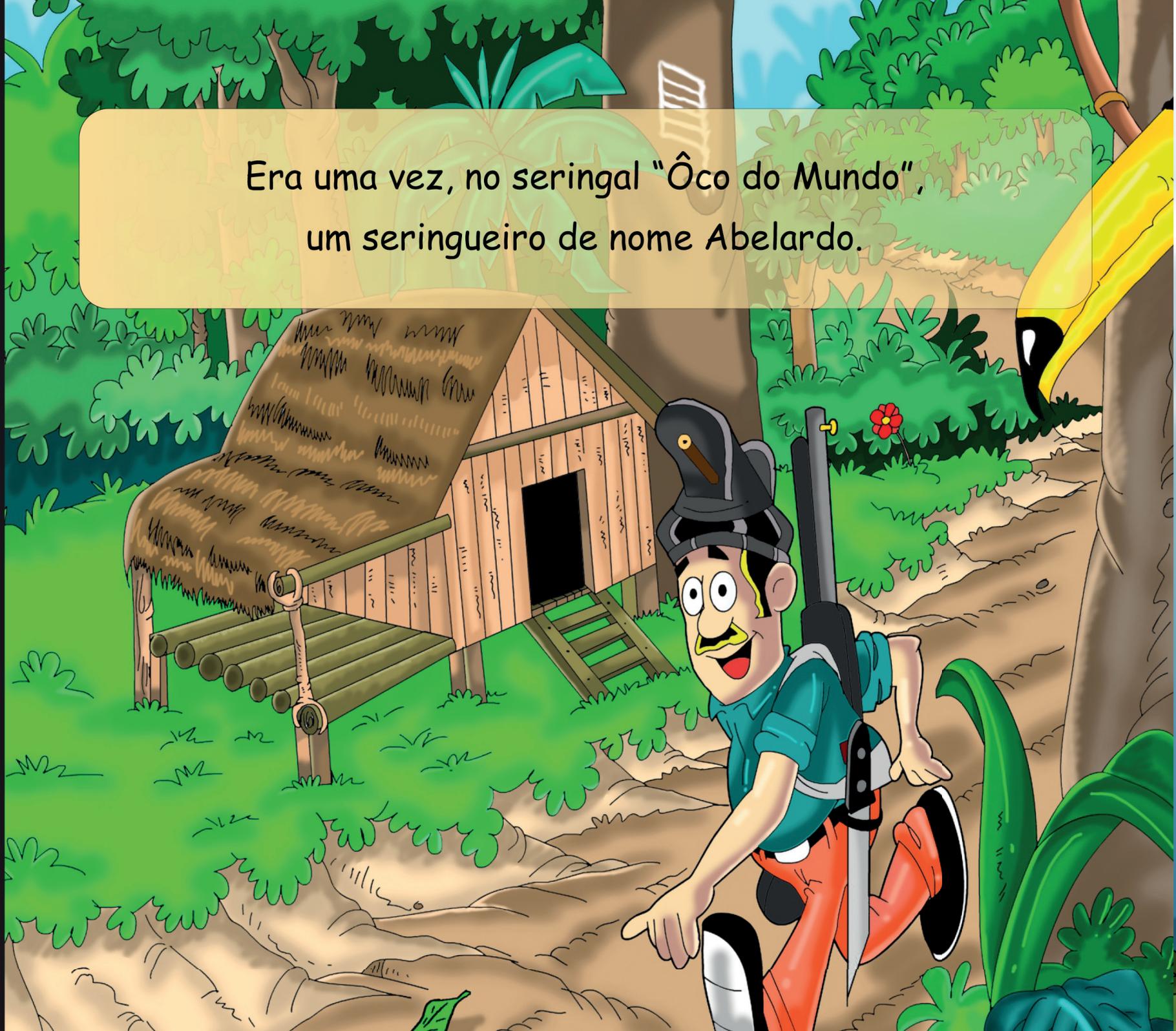


Ao meu titio amado, Raimundo Amorim: um formidável seringueiro que, apesar de não ter frequentado a escola, me ensinou com seu empirismo o caminho da moralidade.

À minha filha querida, Ana Clara de Amorim: minha maior fonte de inspiração para as obras, tanto na escrita quanto na pintura, manifestações estas que nos ligam um ao outro, pelo poder exuberante da genética.

Ao Jornalismo acreano, berço de minha sabedoria.

Era uma vez, no seringal "Ôco do Mundo",
um seringueiro de nome Abelardo.





Todos os finais de semana, Seu Abelardo costumava sair de sua vida de seringueiro e se dedicar à caça, que,



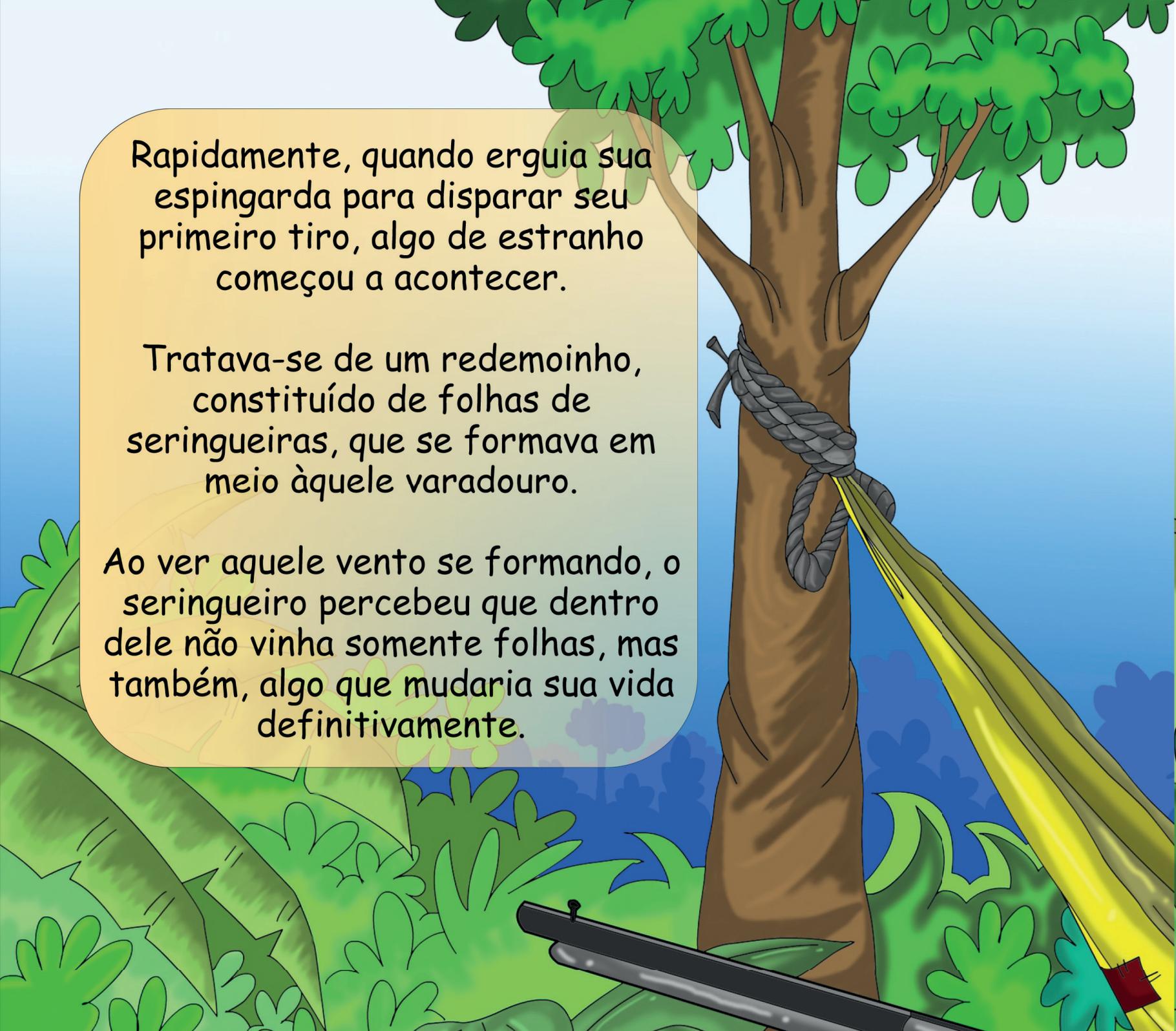
Num desses divertidos finais de semana, Abelardo saiu para caçar, e lá aconteceu uma coisa que ele jamais esperava.

Quando armava sua espera, o seringueiro percebeu um barulho estranho.



Era um grupo de paquinhas que roíam restos de castanha deixados por algum outro seringueiro, que por ali passava.

- Hoje a sorte está comigo!
- disse o seringueiro, com o rosto de alegria.



Rapidamente, quando erguia sua espingarda para disparar seu primeiro tiro, algo de estranho começou a acontecer.

Tratava-se de um redemoinho, constituído de folhas de seringueiras, que se formava em meio àquele varadouro.

Ao ver aquele vento se formando, o seringueiro percebeu que dentro dele não vinha somente folhas, mas também, algo que mudaria sua vida definitivamente.

E, dentro de frações de segundos, lhe apareceu um menino que aparentemente era simpático, mas tinha alguns aspectos físicos diferentes. Atônito e trêmulo, seu Abelardo olhou e enxergou, pela primeira vez, o lendário Curupira.



Sem muita conversa, o Curupira já foi dando o recado: caso Seu Abelardo exagerasse na matança da caça, quando ele menos esperasse, uma surra de cipó viria de encontro a ele.



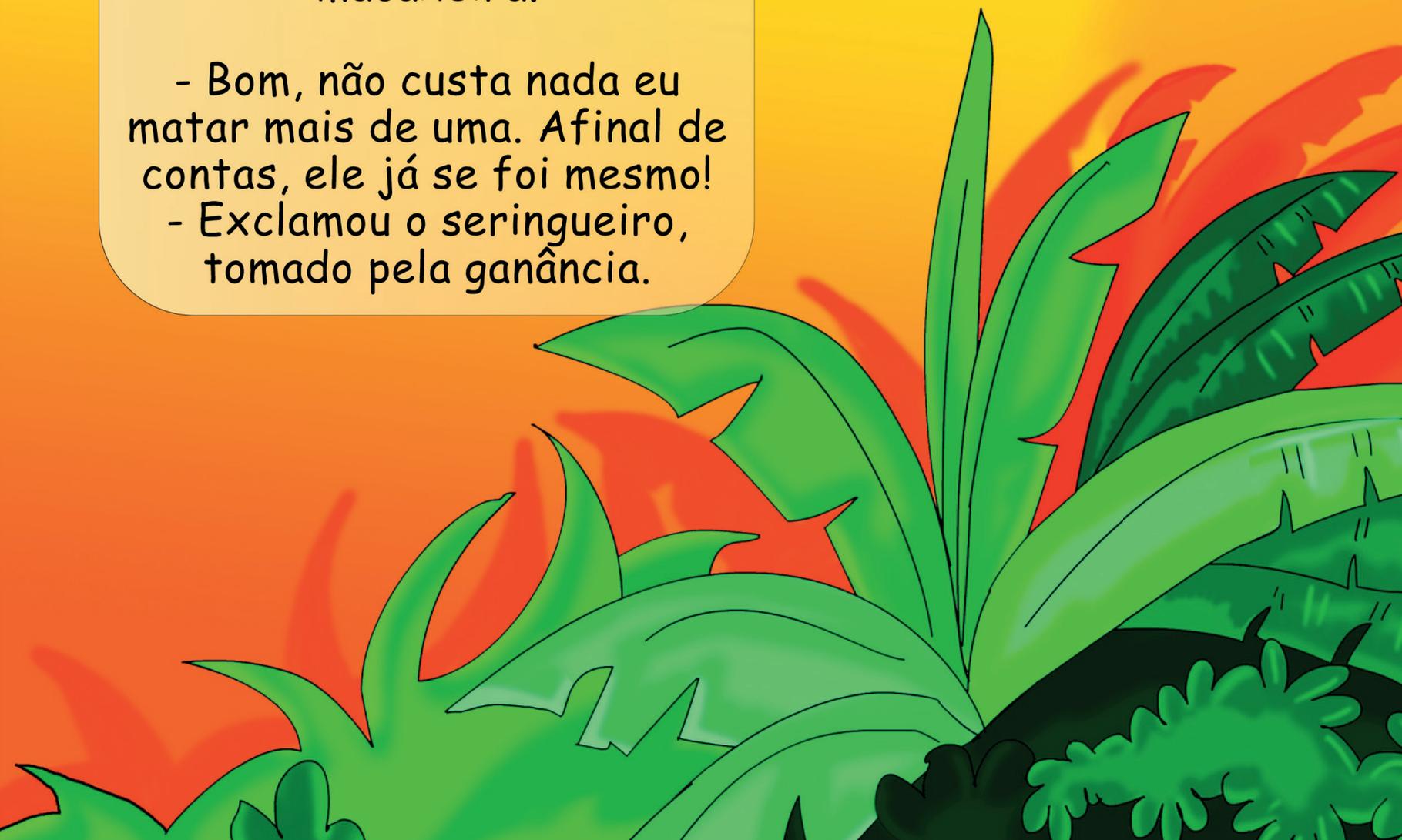
Apavorado, Seu Abelardo, quando resolveu perguntar o por quê daquela sentença, o Curupira já havia desaparecido, como num passe de mágica.
- E agora? - interrogou Seu Abelardo.



Mas, olhando para um lado e outro, e vendo aquelas inúmeras paquinhos bem gordinhas, imaginou o quanto elas seriam saborosas, assadas com macaxeira.

- Bom, não custa nada eu matar mais de uma. Afinal de contas, ele já se foi mesmo!

- Exclamou o seringueiro, tomado pela ganância.





De repente, ouviu-se vários tiros no seringal, espantando a maioria dos animais que circulavam por ali.

Era o seringueiro Abelardo, disparando sua espingarda inúmeras vezes para satisfazer seu ego e pensando, no dia seguinte, o quanto seria prazeroso contar aos companheiros como ele havia conseguido aquele feito.





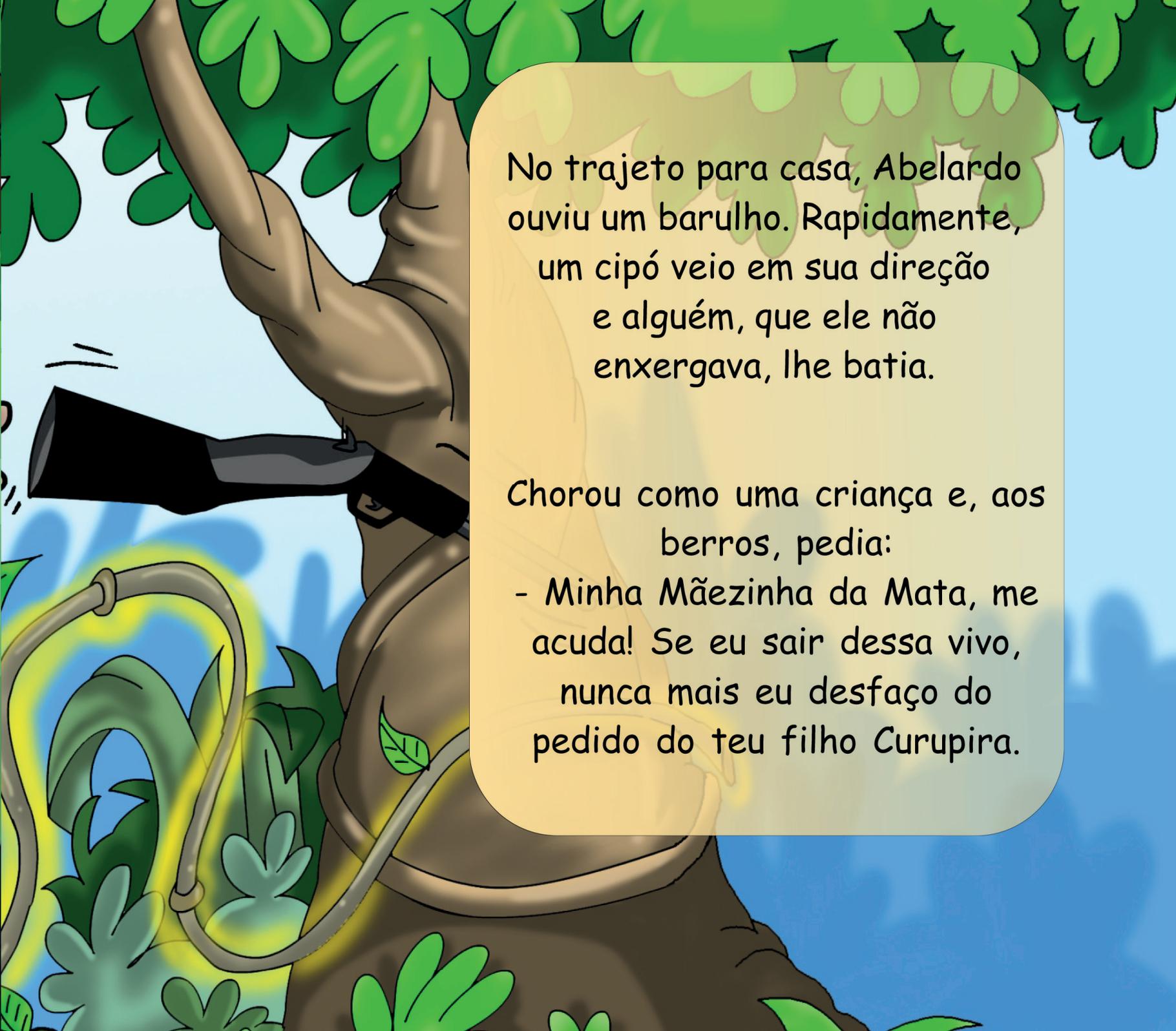
BANG!



Ao terminar de atirar, tomou consigo uma estopa e encheu de caça, seguindo para casa. Tinha a certeza que nenhum mal haveria de lhe encontrar.







No trajeto para casa, Abelardo ouviu um barulho. Rapidamente, um cipó veio em sua direção e alguém, que ele não enxergava, lhe batia.

Chorou como uma criança e, aos berros, pedia:

- Minha Mãezinha da Mata, me acuda! Se eu sair dessa vivo, nunca mais eu desfaço do pedido do teu filho Curupira.

Logo, o Curupira apareceu. Seu Abelardo, aos pés do menino, implorou:
- Me perdoe, meu amigo! Te prometo que nunca mais exagero na caça que Mãe da Mata nos concedeu!



Ao ouvir as palavras de arrependimento do seringueiro, o Curupira partiu para o mundo encantado de Mãe da Mata, que era quem poderia lhe dar um veredito do caso.



Curupira contou o caso para a Mãe da Mata e, sendo ela dona de grande sabedoria, deu uma sentença justa para Seu Abelardo. Abelardo estava livre, mas teria que recompensar o prejuízo causado à fauna acreana.



Quando o Curupira retornou ao mundo dos mortais, no seringal Ôco do Mundo, se dirigiu a Seu Abelardo e disse:
- Basta! A Mãe da Mata lhe concedeu uma nova chance! Entretanto, para merecer, terá que repor o prejuízo causado a nossas matas!



Aliviado, Seu Abelardo perguntou:
- Qual é a sentença dada por nossa mãe?
- Você terá que plantar mil mudas de árvores,
de variadas espécies, nas margens dos rios e igarapés
da floresta. Além disso, terá que assumir o
compromisso de regá-las diariamente.



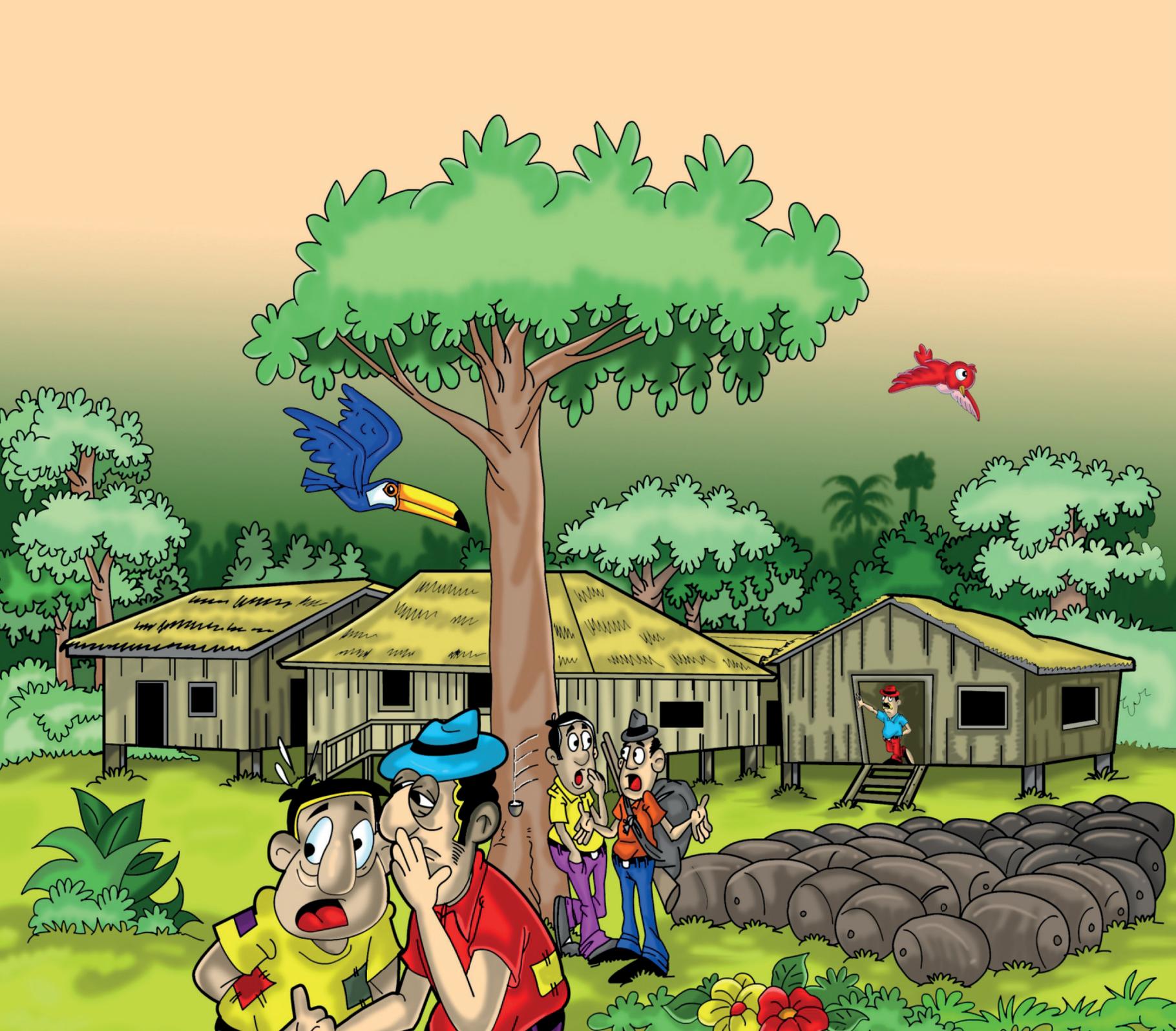
Ao ouvir a sentença do Curupira, o seringueiro, que
havia padecido com a surra de cipó, gritou:
- Eu aceito!



E assim, Seu Abelardo aprendeu a lição. Plantou as mil mudas e todos os dias as regava, cantando alegremente o prazer de cuidar de nossa floresta.

O seringueiro sabia, graças a seu encontro com o Curupira, que, caso exagerasse novamente, na caça, a coisa ficaria feia pros lombos dele!







O artista das sete faces

Segundo alguns relatos sagrados, na numerologia do arquiteto supremo, o número sete é símbolo de maior perfeição.

Esse distinto numeral está presente nas mais incríveis ações divinas, sobrepujando-se a quaisquer cálculos aritméticos.

E é dessa riqueza de detalhes sublimes que emerge das vertentes mais profundas: "o artista das sete faces".

Alguém que, na Grécia antiga, poderia ser considerado como um ser angelical, dado sua extrema capacidade de relacionar-se com a arte, pois, o maior patrimônio da arte são os artistas.

A saber: os artistas das telas, das lendas, dos livros, dos quadrinhos, das charges e da vida.

Talvez, seja por isso que Enilson Amorim brinque, de forma tão espontânea, com a arte: falando, pintando, ilustrando, diagramando, caricaturando, desenhando e escrevendo.

A cada passo, se revelando um artista completo, de discurso agradável aos ouvidos greco-latino.

Seguindo triunfantemente em seu intento, dando vida a personagens fabulosos, como Mapinguari e Curupira, trazendo o imaginário para o cotidiano das pessoas, dando uma nova roupagem à literatura acreana e, aos poucos, vai assemelhando aos grandes literatas infantis, como: Monteiro Lobato e Maurício de Sousa.

O artista das sete faces bem que poderia ser Salomão? Da Vinci? Platão?

Mas, aprouve ao arquiteto supremo que fosse o som, o amor...

Enilson Amorim.

Para conhecê-lo melhor, basta conversar com os dedos, ouvir a voz cantora do vento, beijar a tela, folhear paulatinamente os livros, sentir na pele o frescor das tintas e voar com os pássaros velozes da imaginação.

Boa leitura!

Alessandro Borges é poeta, formado em Teologia e membro efetivo da Academia dos Poetas Acreanos.



ISBN

978-85-8236-048-4

